

A “moral sexual” e o recalque patológico: do excesso ao déficit¹

(Sobre a contemporaneidade da tragédia de Édipo:
flicídio, parricídio e incesto)

Ignácio Alves Paim Filho²

Resumo

O autor visa com este trabalho repensar o tripé: flicídio, parricídio e incesto e suas repercussões na estruturação da psique e da cultura do século XXI. Parte do texto centenário de Freud, de 1908: *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*, centrado na questão do recalque pelo excesso. Assim sendo, para viabilizar tal meta, toma como referência orientadora do seu pensar o recalque por seu viés patológico. E nesse a trama que se estabelece frente ao seu excesso ou déficit. Postula que na atualidade temos uma “moral sexual (in)civilizada” calcada em um mais além ou mais aquém do recalque, que faz do flicídio, enquanto assassinato do desejo, sua forma primordial de apresentação, uma vez que o parricídio e o conseqüente devorar pela via simbólica não é factível. Provavelmente em decorrência da falência da função paterna. Questiona qual o mecanismo de contenção da demanda pulsional que vai vigorar quando da não ação do recalque. Especula sobre a preponderância do desmentido e da forclusão como equivalente não simbólico desse recalque deficitário.

Palavras-chave: Édipo; recalque; moral sexual; desmentido; forclusão

Cada nova conquista foi sancionada pela religião, cada renúncia do indivíduo à satisfação instintual [pulsional] foi oferecida à divindade como um sacrifício, e foi declarado “santo” o proveito assim obtido pela comunidade. (Freud, 1908/1969d, p. 192)

Sabemos que quando as moções pulsionais libidinais entram em conflito com as concepções culturais e éticas do indivíduo, o destino das moções será o recalque patogênico. (Freud, 1914/2004, p. 112)

Em meados do século XX, Freud estava lançando as bases da sua ciência, numa época marcada por características fortemente opressoras em um meio sociocultural que propunha várias proibições; entre elas, tem destaque especial o conter, de forma vigorosa, a demanda sexual do sujeito. Nesse sentido, a religião vai cumprir papel

1 Trabalho apresentado no 47º Congresso da IPA, Cidade do México, Agosto de 2011.

2 Médico, psicanalista, membro pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre CEP de PA, membro titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre SBP de PA.

fundamental na efetivação dos princípios norteadores dessa “moral sexual civilizada”, na medida em que toma para si, através dos preceitos religiosos, a função de pôr ordem no mundo. Ordem representada, com muita propriedade, no princípio niilista, defendido por Ivan, em *Os irmãos Karamazov* (1880/2002), de Dostoiévski: “Se não há imortalidade da alma, então não há virtude, o que quer dizer que tudo é permitido” (p. 93). Essa proposição, vista por um viés mais amplo, permite explorar a tese coerciva de que, se Deus, com sua promessa de imortalidade, está morto, a barbárie é que resta para o homem.

Freud, o pensador do impensável na constituição da alma humana e da civilização, vai advogar, desde os primórdios da psicanálise, o lugar central da psicosssexualidade nos destinos do *homo sapiens*. Tendo como o foco sua clínica, permeado pelo universo da neurose e pela cultura na qual estava inserido, Freud, em 1908, se vê convocado a escrever um ensaio intitulado: *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*. Nesse texto encontramos suas incursões iniciais sobre a problemática que se estabelece entre a força da pulsão sexual e os interesses da cultura. Propõe que o meio social exige renúncias pulsionais, o que faz com que a libido, liberada dos interesses sexuais diretos, mudando de meta, passe a ser utilizada em prol da coletividade.

O panorama narrado encerra, em sua essência, que a inserção do sujeito na cultura é marcada pelo conflito, caracterizado, por exemplo, por um mandato moral, que impõe a ambos os sexos a abstinência sexual antes do casamento, e este, uma vez consumado, deve visar à reprodução. Entretanto, ressalta as diferenças dessas restrições morais para homens e mulheres: aos primeiros é permitida, de forma não oficial, maior liberdade para viver sua sexualidade. Isso é corroborado pela existência de casas de prostituição, desde o início dos tempos, e a Bíblia nos brinda com a personagem emblemática de Maria Madalena. Quanto às mulheres, estavam destinadas a viver à margem da sua sexualidade, em que o desejar é igual a prostituir-se. Novamente, a Bíblia nos propicia um modelo *sui generis*, a mãe de Jesus, virgem Maria, aquela que fecundou e gestou Cristo, mantém seu corpo imaculado, símbolo maior da virtude feminina. Agrega-se a essa complexidade o que foi sempre uma preocupação do homem Freud³ – a inexistência de métodos contraceptivos eficazes, a assinalar que quem ousasse investir na busca de viver o desejo, mesmo dentro de uma relação monogâmica e legitimada pela cultura, poderia ser punido, por não refrear o pulsar da pulsão, com uma gravidez indesejável. Eis aí teatralizado o velho adágio da cultura – todo crime merece castigo. O ato de se rebelar contra o *status quo* faz do sujeito um criminoso que deve ser proscrito, ou ainda, um herói e,

3 Relatam os biógrafos que, após o nascimento da sua última filha, Anna, Freud optou pela abstinência sexual, como método anticonceptivo.

como tal, muitas vezes, destinado a viver de forma solitária, como um eterno errante (castigo?).⁴

Aquele que, em consequência de sua constituição indomável, não consegue concordar com a supressão do instinto [pulsão], torna-se um ‘criminoso’, um ‘outlaw’ [proscrito], diante da sociedade – a menos que sua posição social ou suas capacidades excepcionais lhe permitam impor-se como um grande homem, um herói. (Freud, 1908/1969d, p. 192)

Buscando tecer a interação dos fundamentos do inconsciente com a cultura, Freud postulará, desde muito cedo, a importância do recalque como destino da pulsão sexual, que estrutura o aparato psíquico e, por conseguinte, o meio social. Porém, as ideias desenvolvidas no decorrer do escrito falam não do recalque estruturante, comprometido com mediar o trâmite entre o universo narcísico (processo primário) e o universo edípico (processo secundário), mas, sim, de um recalque patológico. Esse, decorrente do fator econômico (intensidade), visa negativamente a força (*drang*) da pulsão, que o estado de desejo propicia. Tal desejo é constituído na interação do parricídio e do incesto, produzindo o drama dos filhos culpados, que padecem do imperativo do juízo de condenação. Portanto, habilitados a sucumbir à demanda da cultura, que teria com meta maior extinguir o Édipo, ou seja, o estado deseante: “O processo que descrevemos é, porém, mais que uma repressão. Equivale, se for idealmente levado a cabo, a uma destruição e abolição do complexo” (Freud, 1924/1969a, p. 221). Fico inclinado a pensar que esse “mais que uma repressão” é a forma de apresentação do recalque patológico, que, quando estiver comprometido pelo excesso, irá soterrar nas profundezas do *Acheronte* os desejo edípicos. Deixo em aberto a questão sobre se esse “mais que...” possa também remeter a uma espécie de um além ou de um aquém do recalque, associado a um déficit desse, que determina a manutenção dos destinos pulsionais narcísicos; estes, por sua vez, perpetuam os mecanismos que visam a desconsiderar a incompletude. Por enquanto, permitamos que esse ponto fique em suspenso; retornaremos a ele quando das especulações sobre a “doença nervosa pós-moderna”.⁵

O cenário descrito demonstra que a civilização moderna, do início do século XX, que traz consigo a herança da sua pré-história, visa, quem sabe de forma perversa – no sentido de perverter demasiadamente a meta primordial da pulsão sexual – que o sujeito ceda do seu desejo, em prol de uma sociedade que tem por meta perpetuar a

4 Alguns exemplos: Jesus Cristo e Moisés (mitologia bíblica); Édipo, Hércules e Páris (mitologia grega).

5 Estou utilizando essa nomenclatura no sentido de fazer um contraponto com a expressão freudiana: “doença nervosa *moderna*”. Não pretendo entrar na polêmica, sociológica e filosófica sobre a validade de usar-se tal terminologia.

fantasia de plenitude, da conquista do imponderável, tão bem caracterizada na ideia de que o céu é o limite. Sendo assim, teríamos como resultante sujeitos que padecem não da castração simbólica, mas, sim, de uma castração praticamente em ato, sendo seu executor essa “moral sexual civilizada”, presentificada, muitas vezes, em deus-pai. Sendo em nome do amor do pai que cada sujeito se submete à força despótica de uma função paterna que, muitas vezes, é equiparada à própria lei.⁶ Portanto, o que resta ao filho do homem, no sentido de preservar heroicamente o seu desejo, é a fuga para a doença. Tal fuga cumpre dupla função: a satisfação substitutiva para o desejo recalçado e a denúncia do seu mal-estar com essa civilização triunfante, que propõe ao sujeito o eterno postergar da satisfação do seu desejo, de um ideal-de-eu projetado na cultura, sustentando a fantasia mítica de um paraíso no além – galgar um lugar ao lado do Eterno.

Reverendo a construção da clínica freudiana desde as suas origens até esse escrito de 1908, penso na neurose histérica de Anna O. (1880), de Dora (1900) e na neurose obsessiva do Homem dos ratos (1908), na sua rebeldia e na sua recusa a submeter-se de forma adaptativa à cultura. O adoecer indiscutivelmente é um protesto em palavras veladas, mas rico em sintomas, que relatam o desejo proibido. Uma comunicação carregada de significação, de uma sexualidade que padece da força do recalque, que se perpetua no palco erótico engendrado na conversão histérica ou nos atos obsessivos, sustentando a máxima – *negociar, sim, renunciar jamais*.

Depreende-se desse texto freudiano a expectativa otimista na resolução do conflito entre a força da pulsão sexual presente no desejo e as necessidades da cultura (civilização). O futuro descobridor do conceito de pulsão de morte, permeado pelo desamparo, via no seu “deus logos (λόγος)” (1927/1969b, p. 68), a ciência, a possibilidade de reconciliar essas demandas⁷. Se tivermos em mente as mudanças ocorridas no desenrolar do século XX e início do século XXI, deveríamos encontrar em nosso tempo sujeitos menos comprometidos com as “doenças nervosas”, uma vez que *não estamos* sob a vigência do recalque patológico excessivo. Contudo, tal fato não se processou. Estamos vivendo o avanço do espectro da psicopatologia. Nossa clínica cotidiana nos confronta com todos os enigmas da neurose, ou ainda, das patologias que estão sob a égide do complexo representacional e das chamadas patologias atuais, que denunciam o sofrimento de sujeitos que padecem da força do irrepresentável.

Em um trabalho de 2003, discuti a possibilidade de estarmos diante da concepção de um novo paradigma na composição das estruturas clínicas, resultante da

6 Para seguir refletindo sobre essa temática, remeto o leitor ao trabalho: “Perséfone, Hamlet, e a vida cotidiana, interlocutores da função paterna: o trágico na cultura” (Costa; Schoeler; Paim, 2005).

7 Essa visão tomará outras dimensões, em 1930/1969c, com seu “Mal-estar na cultura”, quando o narcisismo, a destrutividade e o desamparo vão ser ressignificados, selando definitivamente o eterno conflito entre a cultura e a demanda pulsional.

interação do representável, que remete ao inconsciente recalçado, portador do desejo parricida e incestuoso, que tem na neurose o seu representante maior, *versus* o ir-representável, inconsciente não-recalçado, que alberga em sua alma o desejo filicida, a pulsão de morte, que se apresenta de forma ímpar nas patologias do vazio, como, por exemplo, na psicossomática, ou ainda os normopatas, nos quais temos o ápice do assassinato do desejo edípico (filicídio). Sendo assim, qual seria o fator determinante, oriundo da nossa “moral sexual civilizada”, ou quem sabe (in)civilizada, que faz o sujeito contemporâneo adoecer mais além da patologia do representável?

Lançando um olhar pela nossa história, decorridos esses cem anos, me ocorrem mais alguns interrogantes: qual seria o mecanismo de que a civilização contemporânea, chamada por alguns pensadores de pós-moderna, vem se utilizando para conter a demanda pulsional do sujeito? Padecemos, na contemporaneidade, da problemática da força do desejo ou de um desejo que não se constitui com tal?

Utilizando-me do questionado acima, como uma espécie de fio condutor, tomarei como ponto de partida uma breve caracterização do nosso tempo. Contudo, antes de olharmos para o presente, penso ser pertinente fazer alguns assinalamentos, recordando as transformações que ocorreram em nossa cultura, principalmente, pelo vértice do livre exercício da sexualidade. Indiscutivelmente, o século XX, mais especificamente na segunda metade, foi marcado pela mudança significativa em prol da possibilidade de o sujeito ascender a viver sua sexualidade de forma mais plena. Enfim, o desejo rompe com as amarras do recalque patológico excessivo.

Com a meta de seguir pensando essas rupturas, destaco três grandes acontecimentos que representam tais avanços culturais, que permitiram que o humano passasse a usufruir de maior liberdade pulsional. Os anos sessenta foram pródigos, tivemos o início do movimento *hippie*, que visava desconstruir a moral vigente, numa espécie de contracultura, que tinha como princípio ideológico o binômio “paz e amor”, centrado na ideia de liberdade sexual e na busca pela paz.⁸ Paralelamente, e em consonância com essa convulsão social, ocorreram as origens do movimento feminista, que busca igualdade de direitos para homens e mulheres, em vários sentidos; entre eles, destaca-se a tão almejada liberdade sexual.⁹ Outro fato significativo, que mudou radicalmente a “moral sexual civilizada”, foi o advento dos contraceptivos orais, em 1950, que passaram a ser usados de forma disseminada a partir de 1960, com a eficácia de praticamente cem por cento. Diante dessa conquista revolucionária da ciência, rompe-se de maneira contundente a associação da sexualidade com a

8 Nesse momento está se dando a guerra do Vietnã, em que a pátria mãe manda seus filhos para morte (filicídio?) em nome do bem da coletividade, defender o capitalismo contra o comunismo.

9 No Brasil, temos em Leila Diniz a representação, por excelência, do lugar que a mulher dos anos sessenta visa conquistar. Fato notório foi desfilhar na praia de Ipanema de biquíni, grávida de seis meses (1970).

reprodução. A vida sexual, ao se desprender da procriação, coloca o sujeito em confronto com seu universo desejante. Com isso, o conflito amplia sua esfera de circulação e complexidade, agregando-se a intersubjetividade (pulsão *versus* cultura), uma maior intrassubjetividade (desejo narcísico *versus* desejo edípico).

Desse modo, a partir dos anos 1960, a cultura avança e a “moral sexual” passa por transformações cruciais. Conquista-se a possibilidade de maior conexão com o desejo; porém, ao mesmo tempo, acontece o abandono travestido de liberdade. Confunde-se o dar limites, para que o desejado possa ser vivido de maneira criativa, com o produzir limitações. Instaura-se a falência do patriarcado, e a função paterna enquanto representante da cultura começa a entrar em colapso. A lei, o recalque – que estrutura o sujeito e a cultura, centrada na interdição do filicídio e, por conseguinte, do parricídio e do incesto – passa a ser desconsiderada. A lei é vista de forma unilateral, somente como sinônimo de ausência de liberdade, de puro despotismo. Seu aspecto estruturante e vitalizante, que permite a construção de uma genuína liberdade, fica obscurecido por pseudoideais alienantes. Torna-se emblemático o dito popular: “é proibido proibir”. Assistimos a um giro de 180 graus, passamos do recalque patológico pelo excesso, para o recalque patológico pelo déficit. Talvez estejamos vivendo um momento histórico altamente disruptivo, que, para produzir mudança, necessita radicalizar pela antítese para, no segundo momento, construir um novo modelo que contemple o encontro criativo entre a demanda do sujeito e a demanda da cultura. Eis aí minha expectativa, meu ideal-de-eu.

Entretanto, a estrutura familiar, como bem caracteriza Roudinesco, em seu livro *Família em desordem* (2003), chega ao novo milênio em crise, passando do poder tirânico dos pais para a tirania dos filhos. Vivemos em um tempo marcado pelo império de Narciso, de individualidade sem singularidade, de subjetividade esfacelada, que faz com que a cultura funcione visando à massificação, à não discriminação, em que as diferenças devem ser abolidas. Nosso meio social, a partir do individual, está comprometido com perpetuar um eu-ideal, no qual a estrangeiridade, enquanto indicador da alteridade, deve ser revogada. O velho Édipo, do Sófocles de 427 a. C. (1989), nunca esteve tão atual; o seu tripé patológico – o filicídio, o parricídio e o incesto – fazem parte da nossa vida diária.

Temos isso exemplificado na impossibilidade de os pais exercerem sua função de interdição ao gozo narcísico da sua prole; esse é o grande ato filicida. Com isso, deixam seus filhos abandonados à própria sorte, talvez de forma similar ao arcaico pai totêmico, que expulsava os filhos homens quando entravam na adolescência. Esses filhos avançaram do estado de natureza para o estado da cultura após terem matado e devorado o pai, com a posterior instalação das duas leis capitais – a proibição da destruição do totem, representante do pai, e a do incesto, as mulheres do pai. Essas leis visam a conter e a transformar esse desejo originário. Essa afirmação

evoca-me a célebre frase freudiana: “O pai morto tornou-se mais forte do que fora o pai vivo...” (1913/1969e, p. 171). Sendo mais específico, poderíamos dizer que essa força está vinculada ao nascimento da função paterna. Os filhos do pai totêmico passam a ter um pai, enquanto função, e mudam a sua história e a dos seus descendentes. Com isso, o recalque ganha estatuto estruturante, pois o que foi vivido em ato (o parricídio e a devoração) ganha a possibilidade de ser vivido simbolicamente.

Sendo assim, o que está ocorrendo com o filho do homem contemporâneo, que se acha sob o jugo filicida de uma cultura que o aprisiona nas leis do império de Narciso? Se concordarmos que estamos diante de um cenário psíquico e cultural marcado pelo recalque patológico mediante o déficit, podemos levantar a hipótese de um “além ou de um aquém do recalque”. Quando o recalque (*verdrängung*) se faz deficitariamente, abrem-se outros caminhos para conter a demanda pulsional, tais como a forclusão/repúdio (*verwerfung*) e o desmentido (*verleugnung*), formas primitivas de negativar o reconhecimento da castração. Entendo que esse negativar, transitando entre o desmentido e a forclusão, vem cumprindo o papel de protagonista na estruturação psicopatológica contemporânea do sujeito, bem como da cultura.

Nessa acepção, recordemos o lugar do inconsciente não recalçado. Em nosso tempo, estamos cada vez mais nos encontrando com as ressonâncias desse inconsciente que, seguramente, é mais destrutivo, mais disruptivo, portador de um narcisismo tanático, que, como já disse, é produto da ação filicida, de uma “moral sexual (in)civilizada” – *que não pede a renúncia do desejo sexual; pede muito mais, que o sujeito não se constitua como desejante* – por exemplo: *sexo, sim; investimento libidinal, não*. Esse ente sofre as agruras de uma demanda que tem que ser saciada, a completude, não importando o preço a pagar. Talvez, numa linguagem freudiana, trate-se da necessidade de ter uma existência; portanto, algo de ordem mais primitiva. Sendo assim, a civilização se beneficiaria de sujeitos empenhados em uma forma de Ter e Fazer muito peculiar, comprometidos com mandatos endogâmicos, em detrimento de um Ser produto de mandatos exogâmicos. Os *workaholics* (adictos ao trabalho) estão na ordem do dia.

Penso ser pertinente sublinhar que o desejo, enquanto invenção freudiana, cuja origem está na experiência primária de satisfação, tem a característica ímpar de ser pleno na sua incompletude. Isso significa dizer que no desejo sempre está implicada a falta. Desejar é buscar ser o que nunca se será. Sujeitos movidos pelo desejo recalçado estão capacitados a transitar entre o prazer da conquista do possível e a eterna busca do prazer, que pode advir da conquista futura, mesmo que sob a insígnia de um prazer impossível.

Toda essa conjuntura faz com que a “doença nervosa pós-moderna”, na sua interrelação com a “moral sexual (in)civilizada”, se apresente por um vazio de desejo, por uma miséria psíquica decorrente da pobreza identificatória. Predomínio de

identificações primárias narcísicas: sou identificado, mas não me identifico; sou produto de uma sedução irreal não fantasiada.¹⁰ Especularia que os filhos do século XXI, em consonância com o ato filicida, via identificações alienantes, têm feito o assassinato do pai (transformação no contrário), mas não o segundo ato, que consistiria na incorporação desse. Portanto, é um parricídio sem a devoração (banquete totêmico), significando: matar, sim; identificar-se, não. Com isso posto, temos filhos privados da possibilidade de reconhecer o lugar do pai. Devemos lembrar que a fantasia oral canibalística é a antecessora dos processos identificatórios, antigo resquício do ato primevo da devoração do pai assassinado, que tem papel fundamental no vir a ser do recalque originário. Portanto, o não acontecer dessa base fundante do recalque determinará a conservação do conluio incestuoso, filhos comprometidos com ser o duplo de..., fazendo eco ao dito: “filho, filho meu, unicamente meu”, apogeu de um mandato endogâmico.

Esses órfãos de uma adequada função paterna estão impossibilitados de dar livre curso ao processo de ontogênese calcada no reconhecimento da força do pai morto, ruptura com a tradição. Devido a uma espécie de desmentido (*verleugnung*) e/ou forclusão (*verwerfung*) da herança arcaica da filogênese, do banquete totêmico (devorar como precondição do processo identificatório). Portanto, ratifico, o identificar-se como... não está viabilizado. Como resultante desse processo, teremos uma inversão – filhos sendo devorados pelos pais (absortos no narcisismo primário). Nesse sentido, evoco Cronos, o senhor do tempo, com a força da sua atemporalidade, que dele faz um mito que ganha novos/velhos contornos em nossa modernidade. Esse deus primordial executa o assassinato do pai, via castração. Após o ato, assume o lugar desse, penso que preso a identificações narcísicas, que o faz seguir, de forma mimética, o mesmo caminho trilhado pelo seu ascendente. Assume o poder total, segue sendo a própria lei, tal como Urano,¹¹ e põe em prática o filicídio, engolindo a prole, que ficará presa em seu ventre. O traçado dessa trama cumpre uma tripla função: assassinar a passagem do tempo – Édipo/filicídio; perpetuar a fantasia mítica

10 O autor, em trabalho anterior (2006a), propõe que a sedução real fantasiada é a sedução necessária e estruturante do sujeito, decorrente de um adequado investimento materno, o que significa uma mãe que está sob a lei que reconhece a castração. Lembrando que o real para a cultura é a interdição do incesto, e o irreal é a ausência da interdição. Quanto à sedução irreal não-fantasiada, está vinculada a um investimento materno perverso, à perpetuação de uma mãe fálica. Nesse caso trata-se de um irreal para a cultura, uma sedução incestuosa.

11 Urano pratica com os seus descendentes outra forma de filicídio. Após o seu nascimento, eram reenviados para o centro da terra (Geia), ficando prisioneiros no ventre materno. Cronos, o filho mais novo, com a ajuda da mãe, Geia, que lhe fornece a foice, liberta-se e executa o parricídio, quando o pai encontrava-se em êxtase pós-coito. Sobre outros desdobramentos, a respeito do filicídio/parricídio e sua presença nos mitos, remeto o leitor ao trabalho “Vazio: um novo/velho mal-estar na cultura” (Paim Filho, 2006b).

de plenitude – Narciso/incesto; e não propiciar o advir do pai enquanto função – parricídio em ato.

À guisa de encerramento, reflito na importância de que possamos seguir buscando discriminar os desdobramentos do *romance familiar do complexo de Édipo* da *tragédia familiar de Édipo*. O primeiro tramita pelo universo do representável e pelo mundo fantasmático do desejo, tem no recalque e no ideal-de-eu o seu elemento de estruturação. Quanto à *tragédia familiar de Édipo*, caracteriza-se pela ausência da inscrição do desejo que remete à alteridade, pelo eu-ideal, pelo repúdio dramático da castração, predomínio do irrepresentável da pulsão de morte, que pelo pouco investimento libidinal se vê fadado a uma compulsão em ato, tragédia que o homem da pós-modernidade, permeado por essa “moral sexual (in)civilizada”, se vê compelido a encenar de forma assustadora. À medida que a força do desejo edípico recalcado (próprio) se faz mais tênue e a força do desejo narcísico, sustentado pelo desmentido (alheio) e ou pelo forcluído (coisa do mundo), se faz mais vigorosa, mais silenciam as possibilidades da reinvenção da história do indivíduo, assim como as da cultura. Diante desse acontecer, que remete à fragilidade da lei, temos o trágico na cultura, a eterna repetição tanática do tripé patológico de Édipo.

Com o intuito de fazer um término conectado com a semente do interminável, deixo estas palavras como móbil para o nosso pensar: “A lei não existe para aniquilar o desejo, aviltando-o ou degradando-o. Ao contrário, existe como gramática capaz da articulá-lo como o circuito de intercâmbio social” (Pellegrino, 1987, p. 313).

La “moral sexual” y la represión patológica: De lo exceso a lo déficit (Sobre la contemporaneidad de la tragedia de Édipo: filicidio, parricidio e incesto)

Resumen: El autor visa, en este escrito, repensar el trípode: filicidio, parricidio e incesto, y sus repercusiones en la estructuración de la psique y de la cultura del siglo XXI. Parte del texto centenario de Freud, de 1908: Moral sexual civilizada e enfermedad nervosa moderna, centrado en la cuestión de la represión pelo exceso. Así sendo, para viabilizar tal meta, toma como referencia orientadora de su pensar la represión por su sesgo patológico. Y en ése, la trama que se establece frente a su exceso o su déficit. Postula que en la actualidad tenemos una “moral sexual (in)civilizada” calcada en un “más allá o más acá de la represión”, que hace del filicidio, mientras asesinato del deseo, su forma primordial de la presentación, una vez que o parricidio y o, consecuente, devorar por la vía simbólica no está factibles. Questiona cuál es el mecanismo de la contención para la demanda pulsional, que va a vigorar cuando de la no acción de la represión. Especula sobre la preponderancia de la desmentida y de la desestimación como equivalente no simbólico de esa represión deficitaria.

Palabras clave: Édipo; represión; moral sexual; desmentida; desestimación

The “sexual moral” and the pathologic repression: From the excess to deficit
(About the contemporaneity of tragedy from Oedipus:
filicide, parricide and incest)

Abstract: The author aims with this work, rethink the tripod: filicide, parricide and incest and its repercussion in the structure of psyche and culture of 21st century. A part of the text centenary from Freud, from 1908: Sexual moral civilized and the modern nervous sick, centered in the question of repression by the excess. This way, to achieve this goal, take how guiding reference of your think the repression by its pathological bias. And in this, the plot that established itself fronts its excess or deficit. Postulated in the present we have one “sexual moral (un)civilized” formed in one further or closer to the repression, that makes from filicide, while murder the desire its primordial form of presentation, once that the parricide and the consequent devour by the symbolic route isn’t feasible. Probably in result of the collapse of the paternal function. Question what is the mechanism of contention of the functional demand that will resist when the non action from the repression. Speculates about the preponderance of the denial and the foreclosure how similar non symbolic about this deficit repression.

Keywords: Oedipus; repression; sexual moral; disavowal; repudiation

Referências

- Costa, A. C. P.; Schoeler, D. L.; Paim Filho, I. A. (2005). Perséfone, Hamlet e a vida cotidiana, interlocutores da função paterna: o trágico na cultura. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 4 (1), 29-49.
- Dostoiévski, F. (2002) *Os irmãos Karamázov*. Rio de Janeiro: Ediouro. (Trabalho original publicado em 1880)
- Freud, S. (1969a). A dissolução do complexo de Édipo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 215-224). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (1969b). O futuro de uma ilusão. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 13-71). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (1969c). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, pp. 75-171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930 [1929])
- Freud, S. (1969d). Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 185-208). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (1969e). Totem e tabu. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 13-191). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1, pp. 95-131). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Paim Filho, I. A. (2003). O representável e o irrepresentável: um novo paradigma para pensar as estruturas clínicas. *Revista do CEP de PA*, 10 (1), 79-95.

- Paim Filho, I. A. (2006a). O real na sedução fantasiada e o irreal na sedução não-fantasiada. In *Jornada Científica do CEP de PA: Ética e identificações na psicanálise e na cultura*. Porto Alegre: CEP de PA.
- Paim Filho, I. A. (2006b). Vazio: um novo/velho mal-estar na cultura. *Revista de Psicoterapia*, 8, 66-75. (Instituto de Ensino de Psicoterapia Psicanalítica IEPP, Porto Alegre)
- Pellegrino, H. (1987). Édipo e paixão. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Sófocles (1989). *Édipo Rei. A trilogia tebana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original de 427 a.C.)

Ignácio Alves Paim Filho
Rua Felipe Néri, 457/401
90440-150 Porto Alegre, RS
Tel: 51 3321-3825
paimiga@terra.com.br

